

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

SUBSÍDIOS PARA A ARQUEOLOGIA NO CONCELHO DE GUIMARÃES. OS "FORNOS" DA RIBEIRA, S. JOÃO DE PONTE.

PINA, Luís de

Ano: 1928 | Número: 38

Como citar este documento:

PINA, Luís de, Subsídios para a arqueologia no concelho de Guimarães. Os "fornos" da Ribeira, S. João de Ponte. *Revista de Guimarães*, 38 (3-4) Jul.-Dez. 1928, p. 205-211.

Casa de Sarmento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães

E-mail: geral@csarmento.uminho.pt

URL: www.csarmento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

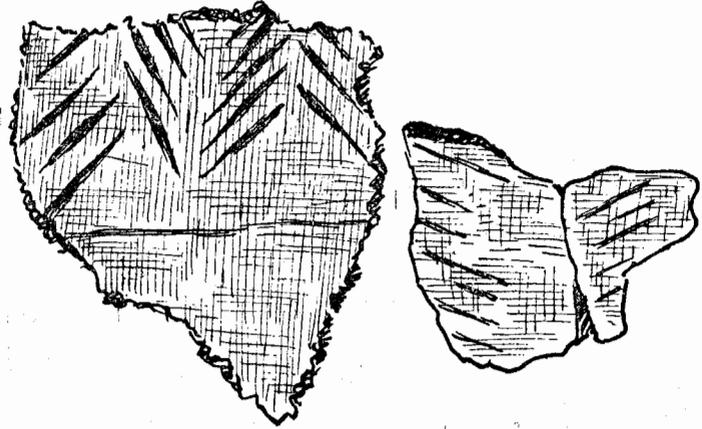
Subsídios para a Arqueologia do Concelho de Guimarães

Os "Fornos,, da Ribeira (S. João de Ponte)

(Continuado da pág. 63)

A juntar aos achados já referidos, não deixo de mencionar mais dois pedaços de cerâmica que o Dr. Freitas Ribeiro encontrara muito perto do local onde assenta o forno; um dos fragmentos parece provir de uma vasilha de regular tamanho, feita sem o auxílio de roda; a sua ornamentação é muito singela e grosseira, resumida em linhas incisas, profundas e dispostas em barba de pena (fig. 1); é de massa rija, castanho-escuro, carregada de grossa areia, e bem cozida. Este barro seria obtido da *pedra-ferro* que por ali abunda e que se não pode considerar derivada de uma mina de ferro ou escória do mesmo metal, como primeiramente eu o dissera, baseado no resultado da análise a que foi submetida e que me levaria a crasso êrro se a não sujeitasse a segundo exame, por alguém de autoridade (1). O outro fragmento faria parte de um vaso menor, constituído pelo mesmo barro, um pouco mais fino; a ornamentação é tam-

(1) Agradeço ao Sr. Dr. Rui de Serpa Pinto o cuidado e o obséquio de, junto do Sr. Prof. Castro Portugal, realizar o exame do pretenso minério.



(fig. 1)

bém realizada a buril ou qualquer ponta aguçada; uma leve camada mais clara a cobre externamente.

Julgo ver nestes dois fragmentos de louça primitiva qualquer cousa de neolítico, talvez eneolítico, podendo conjugar com esta ideia o aparecimento do polidor atrás citado. Daqui deduzo, um tanto ousadamente, atendendo à minguia do achado, que nestas paragens viveu qualquer agrupamento da Idade da Pedra Polida.

Martins Sarmento, nas suas frutuosas excursões arqueológicas, colheu nesta freguesia bastos elementos etnográficos, principalmente os referentes a tradições de *mouros*, os sempre obrigados habitantes prè-romanos do país, segundo o Povo. Falando da ponte do Ave, à beira do monte da Ínsua, um rapazito daí lhe disse que ela remontava ao Dilúvio! ⁽¹⁾ Outra lenda indígena revela-nos uma *moura* que «fala dentro da ermida de Campelos», também muito chegada à Ribeira.

Telha romana a descobrira Sarmento abundantemente dispersa na freguesia, «denunciando talvez a existência de uma vila desconhecida» ⁽²⁾. Esta supo-

(1) Martins Sarmento — *Materiaes para a archeologia do concelho de Guimarães*. *Revista de Guimarães*. N.º 4. Vol. XV. 1898. Guimarães.

(2) *Idem*. *Idem*.

sição deve continuar, atentando bem nos vestígios que ora se encontram; as sepulturas de tijolo e pedra descobertas há anos seriam romanas como tantas do país e os telhões (*tegulae*) que continuam a aparecer — intactos alguns — mostram-nos da mesma forma a romanização do povoado prè-existente.

Perto da Ponte Nova, não longe da Ínsua, foi indicado a Martins Sarmento um forno repleto de telha, que eu imagino semelhante ao da Ribeira (1). Deve fixar-se a proximidade a que apareceram os dois fornos, porque talvez pertençam a um grupo de construções semelhantes, acantonadas naquella zona da freguesia de S. João de Ponte.

Quantos não estarão ainda sob a terra! Os documentos medievais não indicam qualquer forno nesta localidade; no entanto, citam a miúdo essas construções noutras freguesias, como em S. Miguel de Creixomil, S. Vicente de Mascotelos, S. Tiago de Candoso, etc.; poderemos supor, portanto, que à data da escritura de tais documentos, como os das *Inquirições reais* (2), já os fornos de Ponte estariam ao abandono, sepultos na terra que ainda os afoga, à espera do cavador bondoso que os desenterre.

Pena é não conhecermos as moedas achadas no nosso forno pois que elas nos dariam a base para uma cronologia segura. Disse alguém do povoado que dentro dêle também se descortinara um *Senhor de ouro*. Deve ser fantasia de um palrador alacre; a ser verdade, e obrigando a grandes atrevimentos o raciocínio, poder-se-ia pensar numa estatuetta romana. Mas... de suposições não deve viver a arqueologia!

Um povoado romano ou lusò-romano ali assente noutras eras, afigura-se-me indubitável. Bastar-nos-iam os elementos descobertos, ainda que escassos, relacio-

(1) *Idem — Antiqua*. 1.º caderno manuscrito existente na Soc. Martins Sarmento.

(2) *Vimaranis Monumenta Historica* — Col. pelo Abade de Tagilde, Oliveira Guimarães — 1908 — Guimarães. *Inquirições de D. Afonso II* — 1220, D. Afonso III — 1258, D. Denis — 1290 e 1301 (pág. 65, 239, 258, 266, 302, 305, 312, 349, 382, etc.).

nados às termas romanas das Taipas e aos povoados, já referidos, em volta, para tal se assegurar.

Vejamos alguma cousa do que tem aparecido em Portugal, com que se confronte o único forno revelado. Dos elementos componentes de tais construções, adobos e tijolos em colunas, bôca obtida à custa de um arco de volta redonda, pedras argamassadas a argila, podem ver-se similares noutras edificações portuguesas. Fornos semelhantes e afins particularidades de construções romanas e luso-romanas, encontram-se estudados por Leite de Vasconcelos, Santos Rocha, Abade Manuel de Azevedo ⁽¹⁾, Pedro de Azevedo, Belchior da Cruz, Joaquim Baptista, Francisco Gil ⁽²⁾ e Maximiliano Apolinário ⁽³⁾, para mais não citar.

O Prof. L. de Vasconcelos indica-nos dois fornos muito parecidos com o da Ínsua (Manta Rota — Beira, e Castro-Marim), sendo um dêles de maior âmbito que aquele, e de mais cuidada construção ^(4,5). O de Castro-Marim possui também uma galeria em frente à bôca, sustentada por um arco; as suas paredes são formadas por fragmentos de telha, vasilhas ou tijolo, aparecendo recheado de terra e mais cacos; reforçam-nas mais arcos de tijolos, divididos em quadrantes, o que era usual na construção de colunas romanas; fica perto do rio, tal o de Ponte à beira do Ave, escolhendo os oleiros os sítios com águas vizinhas, dada a importância delas na sua indústria. Também perto de um rio aponta J. Baptista dois fornos (vestígios) ⁽⁶⁾. Santos Rocha diz-nos de um forno provavelmente com

⁽¹⁾ Abade Manuel de Azevedo — *Notícias arqueológicas de Trás-os-Montes. O arqueólogo português*. Vol. 1.º. 1895. Lisboa.

⁽²⁾ Francisco Gil — *Tijolos romanos existentes no museu da Figueira* — Comunicação apresentada à *Sociedade Arqueológica da Figueira* — 28 de Outubro de 1900.

⁽³⁾ Maximiliano Apolinário — *Tijolos romanos em forma de quadrantes. O arqueólogo português*. Vol. 1.º. 1895. Lisboa

⁽⁴⁾ José Leite de Vasconcelos — *O arqueólogo português*. Vol. 24.º. 1919. Lisboa.

⁽⁵⁾ Idem — *Olaria luso-romana em S. Bartolomeu de Castro-Marim. O arq. port.* Vol. 4.º. 1898. Lisboa.

⁽⁶⁾ J. Correia Baptista — *Salácia. O arq. port.* Vol. 2.º. 1896. Lisboa.

serventia para a fundição do ferro, muito semelhante ao da Ribeira — paredes de pedra, tijolos, adobos e fragmentos de telha, tudo também cimentado a argila (1-2); fala ainda o mesmo autor de várias outras construções em que se usavam o revestimento de argila e os mesmos adobos, se bem que o uso dêstes e daquela massa sejam de uso muito anterior aos Romanos (3); outro forno por êle estudado apresenta a abóbada crivada de orifícios (agulheiros) e não serviria para vasos de grandes dimensões (4). O mesmo se observa na abóbada do forno da Ribeira, assim como num outro descrito por Belchior da Cruz (5). O nome de Fornos, dado ao lugar, deve ter a mesma origem que o de Fornos (Beira), isto é, na existência de tais obras nos tempos passados há muito, hoje desaparecidos (6). Pedro de Azevedo, por seu turno, notou em Bragança um outro de paredes formadas de tijolos, fortemente argamassados (7).

Eis a devida literatura arqueológica portuguesa que apresento em abôno dêste trabalho. A respeito das sepulturas de tijolo e pedras, leia-se o que diz, por ex., Santos Rocha (8).

Atendendo a todos estes factos sou levado a crer que os fornos da Ribeira serviriam a cozedura de telha e tijolos, que na galeria, também coberta, seriam empilhados; a parte que designei por *a* na planta da fig. B e na fig. A constituia pròpriamente a necessária fornalha. Nenhum vestígio de louça se encontra no interior dêste *fornax*, nem sequer nas proximidades, excep-

(1) Santos Rocha — *Novos vestígios romanos no vale inferior do Mondego e imediações*. **Portugália**. Vol. 1.º. Pôrto.

(2) Idem — *Estação luso-romana de Pedrulha*. Idem. Idem.

(3) Idem — *Ruínas romanas de Ançã*. Idem. Idem.

(4) Idem — *Estações pre-romanas da idade do ferro*. Idem. Vol. 2.º. Pôrto.

(5) Belchior da Cruz — *Notícias várias*. **O arqueólogo português**. Vol. 3.º. 1897. Lisboa.

(6) Pedro de Azevedo — *Extractos arqueológicos das "Memórias paroquiais de 1758"*. **O arq. port.** Vol. 4.º. 1898. Lisboa.

(7) Idem — *Miscelânea arqueológica*. **O arq. port.** Vol. 10.º. 1904. Lisboa.

(8) Santos Rocha — *Necrópole luso-romana da Senhora do Destêrro, em Montemor-o-Velho*. **Portugália**. Vol. 1.º. Pôrto.

tuando os dois fragmentos já descritos (doutra época) e o pedaço de grossa cerâmica já atrás referida, e que julgo pertencente a um *dólio* que, pelo seu tamanho, não caberia nêle.

Deve datar-se êste forno da época lusò-romana e já estaria abandonado a quando da Invasão Árabe. Dêle saíriam muitas telhas e inúmeros tijolos que se descobrem por quási todo o concelho de Guimarães e precisamente ali onde tão perto existia o núcleo romano das Termas. A estrada romana que por ali cortava seria uma prática e cómoda via de comércio com as terras distantes.

De tôdas as lendas que o povo do lugar nos conta sôbre os *mouros*, algum fundo haverá de verdade. Segundo a leitura e indicações do erudito arabista Prof. David Lopes, a quem me confesso infinitamente agradecido, a moeda encontrada a alguns metros do forno e de que já revelei o desenho, é um *dinar* do princípio da dominação árabe, sendo Abderramão governador. Data do ano de 102, ou 721 de J. C., época dos governadores dependentes dos califas de Damasco. Fica desta forma possuindo a Sociedade Martins Sarmiento uma das mais raras moedas árabes, conforme a autorizada opinião do sábio Professor. Os dizeres do numisma rezam assim:

Anverso. No campo: — *Não há mais do que um só Deus.*

Anverso. Na orla: — *Mohamede é o Enviado de Deus. Enviou-o com a boa direcção e a religião da verdade.* (É o princípio da missão do Profeta).

Reverso. No campo: — *Em nome de Deus misericordioso e clemente.*

Reverso. Na orla: — *Foi cunhado êste dinar no Andaluz no ano de 102 (721 de J. C.).*

A presença desta moeda de oiro naquela localidade, permite imaginar a passagem por ali da avalanche sarracena, devastando, quem sabe, o povoado invadido. Datará de então o abandôno dos fornos? Por êsse tempo, ano de 721, dez anos após a invasão da Península, quási logo seguida pela conquista da Galiza por

Musa (1), já teriam os Árabes sentido o embate de Pelágio: poucos anos depois esmagava-os Carlos Martel em Poitiers (732) e daí a sete Afonso I começa a empurrá-los para além do Douro (2).

Como se vê, se o achado do forno não é de máxima importância, não sucede o mesmo com este *dinar* que, além de uma provada raridade, é mais uma demonstração de que o Povo é um bom conservador e não nos devemos sorrir, nem desprezar em sua sabedoria, pois que, apesar de tudo, a Tradição é ainda uma das grandes fontes da História.

LUÍS DE PINA.

(1) Alexandre Herculano — *História de Portugal* — Vol. 1.º. 8.ª edição, dirigida pelo Prof. David Lopes. 1927. Lisboa.

(2) Alberto Sampaio — *As "villas" do Norte de Portugal*. Portugal. 1.º vol. Pôrto.